

Amostras todo-o-terreno

NA TRANSIÇÃO INVERNO/PRIMAVERA

À medida que se aproxima o final do Inverno e as águas começam a aquecer, o pescador de Achigã tem todo o interesse em alargar o leque de amostras e técnicas que utiliza para conseguir aumentar o número de capturas. Nesta altura do ano, os achigãs iniciam o movimento em direcção às zonas onde se vão estabelecer na Primavera. Durante esse trajecto, podem ser encontrados cada vez em maior número perto de bicos secundários e pequenas enseadas, onde estagiam durante algum tempo.

AUTOR E IMAGENS: JAIME SACADURA • WEBSITE: WWW.SACADURA.COM

Pequenos recortes ou indentações na margem, os chamados *pockets* na terminologia americana, podem agrupar boas concentrações de grandes exemplares. Com efeito, as grandes fêmeas, influenciadas pelo aquecimento progressivo das águas, iniciam a sua deslocação das águas profundas em direcção às zonas de postura e podem permanecer durante algum tempo nestes pequenos recortes, convertendo alguns em autênticos "poços de mel" onde, em poucos minutos, se podem capturar vários exemplares. Com a vantagem adicional de que alguns são tão subtis que podem facilmente ser ignorados ou negligenciados por muitos pescadores. Para explorar estas zonas com grande eficácia nada melhor do que recorrer a um

grupo de amostras que, muitas vezes, são negligenciadas pelo pescador de achigã e que podem ser extremamente produtivas nestas situações.

CRANKBAITS SEM PALETA – QUANDO E ONDE UTILIZAR

Quando as águas aquecem e ultrapassam os 10° C, os *lipless crankbaits* podem ser uma ferramenta muito eficaz neste período algo complicado pela diversidade de situações com que podemos deparar. Disponíveis em tamanhos e cores variadas e pesos que vão dos 1/8 até 1 onça, estas amostras têm uma gama de utilizações diversificadas e são bastante produtivas. Com águas abaixo de 10 graus pode parecer ridículo utilizar este tipo de amostras, mas as surpresas podem ser muito agradáveis.

ENSEADAS ROCHOSAS E ZONAS PLANAS COM INCLINAÇÃO SUAVE (FLATS)

No final de Fevereiro, dois ou três dias de tempo estável e soalheiro podem induzir os achigãs a deslocarem-se para zonas baixas. Uma das formas mais eficazes de explorar rapidamente estas extensas zonas pouco profundas é, sem sombra de dúvida, a utilização deste tipo de amostras, principalmente perto de grandes rochas que têm tendência a armazenar calor. O acto de lançar um *crankbait* sem paleta no fundo de enseadas rochosas, nestes períodos do ano, pode ser recompensado com a captura de um grande exemplar, mesmo com águas, aparentemente, ainda frias. A recuperação não deve ser feita ➔



conseguimos trazê-lo para bordo ou para a margem sem grande dificuldade. Quando pescamos com *crankbaits* sem paleta, a ferragem pode ser feita bastante mais longe do que é habitual com as técnicas de fundo e devemos sempre evitar forçar o peixe até nos assegurarmos que está bem ferrado. Se o local da ferragem não for o ideal e se os anzóis estiverem presos muito ligeiramente, só teremos sucesso na captura sem forçar o peixe e com a ajuda de uma cana de acção muito suave. Devido à sua

grande capacidade de absorver as investidas mais fortes do peixe, estas canas específicas conseguem também evitar que os anzóis triplos rasguem, de forma pronunciada, as cartilagens finas da boca do achigã. Com canas mais rígidas, não é invulgar perderem-se vários peixes que se libertam com facilidade da amostra pelos grandes rasgões provocados pelos anzóis. Rasgões quase impossíveis de evitar sem o material adequado e por onde uma amostra pesada, como é o *crankbait* sem paleta, pode

soltar-se ao primeiro abanão da cabeça do peixe. Carretos com boa recuperação (6:1 ou superior) são também recomendados para conseguir efectuar recuperações rápidas e para manter o contacto com peixes mais enérgicos após a ferragem. Com efeito, outra das principais causas da perda de peixe com este tipo de amostras é a impossibilidade de manter o contacto com peixes que disparam a toda a velocidade quando se sentem ferrados. Se isto acontecer e a velocidade de recu-

peração do carreto não conseguir acompanhar a velocidade de deslocação do peixe – principalmente quando este se desloca a toda a velocidade na nossa direcção – a linha fica bamba (sem estar em tensão) e o próprio peso da amostra, agitada violentamente a cada salto do peixe, pode fazer com esta seja projectada, sem dar qualquer hipótese ao pescador. Ocasionalmente, vemos recomendar, para as alturas em que a água está mais fria e em que a recuperação deve ser feita de forma menos rápida, a utilização



numa altura em que este inicia um período de alimentação, na sua preparação para a desova. Os *crankbaits* sem paleta, em particular, devem ser objecto de uma atenção especial. Amostras menos utilizadas por alguns pescadores, a sua eficácia na hora de pesquisar zonas extensas onde o achigã se pode encontrar e a sua capacidade para despertar ataques de reacção violentos, dificilmente consegue ser igualada. Alguns dias de tempo mais estável, que ocorrem neste

de um carreto de recuperação lenta (5:1 ou inferior) de forma a conseguir manter o ritmo lento que esta técnica exige. Pessoalmente, continuo a utilizar o carreto de recuperação rápida e disciplino-me mentalmente para rodar lentamente a manivela do carreto, conseguindo assim o ritmo de recuperação desejado e mantendo toda a capacidade de acompanhar um peixe ferrado que se dirige rapidamente na minha direcção. Nestas situações, com um carreto de recuperação lenta, dificilmente se consegue manter a tensão adequada na linha e controlar o peixe.

O tipo de linha a utilizar depende em grande medida da cana utilizada e do tipo de local a pescar. Há quem prefira a utilização de fluorocarbono de 12 a 14 libras de resistência para compensar a maior flexibilidade das canas utilizadas. Quanto a mim, não acho que a utilização deste tipo de linhas seja indispensável e utilizo habitualmente um nylon

de boa qualidade, com os mesmos valores de resistência. No capítulo das cores deve-se procurar sempre utilizar amostras que se aproximem do tipo de presas habituais no local onde pescamos. Sempre eficazes as cores clássicas, como os vermelhos com padrões de lagostim, bem como, as imitações de perca-sol e de achigã e as cores naturais, próximas das cores dos peixes presas em massas de água mais transparentes, como as imitações de bogas e alburnos. Quanto a pesos, os mais utilizados são os de 3/8 e os de 1/2 onça (14 gra-

mas), embora, ocasionalmente, seja necessário descer um pouco no tamanho e no peso para conseguir imitar, na perfeição, o tamanho dos peixes presa nesta altura do ano.

CONCLUSÃO

As amostras alternativas aos *lipless cranks* podem ser consideradas autênticas “todo-o-terreno” na hora de conseguir seduzir os achigãs neste período de transição entre o Inverno e a Primavera. Cobrem rapidamente várias zonas com características diferentes e despertam o instinto predatório do achigã

período, associados à utilização de amostras tradicionalmente mais utilizadas noutras alturas do ano, podendo conduzir a jornadas de pesca inesquecíveis. Nunca é demais referir a importância de praticar o Pescar e Libertar de forma continuada, numa altura do ano decisiva na preparação da desova. Por isso, divirta-se capturando, pesando e fotografando, mas liberte as grandes fêmeas reprodutoras de forma a garantir o património genético ideal para as nossas populações de achigã assegurando, assim, um futuro risonho para esta nossa pesca. ☺



AMOSTRAS ALTERNATIVAS

Embora cheios de potencialidade e muito eficazes, os *lipless cranks* não são infalíveis e quando as condições de tempo se agravam e os achigãs ficam menos activos, o pescador de achigã prevenido deve considerar outras alternativas. Entre elas podemos destacar:



JERKBAITS FLUTUANTES OU SUSPENDING – apresentam um comportamento ideal para achigãs menos activos podendo permanecer durante mais tempo na zona de ataque do achigã (*strike zone*) o que se revela muito eficaz em algumas situações. Em zonas com muitos obstáculos, os *jerkbaits* flutuantes são das poucas amostras rígidas que podem ser pescadas com lentidão e eficácia. Animadas com pequenos toques de ponteira e longas pausas estas amostras podem ser muito produtivas.



PEQUENOS CRANKBAITS SHALLOW RUNNING E CRANKBAITS

FLATSIDED – O pequeno tamanho e a pouca profundidade atingida por estas amostras permite explorar de forma rápida e eficaz zonas com muitos obstáculos. Imitam na perfeição pequenas presas que começam a surgir no início da Primavera.

A oscilação mais rápida dos *crankbaits flatsided* (mais achatados) assemelha-se mais à dos *crankbaits* sem paleta, mas como são flutuantes, um pequeno erro de cálculo não tem que ser forçosamente pago com a perda da amostra – como acontece muitas vezes quando arriscamos os *lipless crankbaits* em zonas cheias de obstáculos – principalmente quando pescamos de margem.



SPINNERBAITS PESADOS EM SLOW-ROLLING – Com pesos que vão desde os $\frac{3}{4}$ a mais de uma onça de peso, estes spinnerbaits são concebidos para explorarem extensas zonas planas a maior profundidade e são ideais quando os peixes voltam a afundar na passagem ocasional de uma frente fria.

Podem ser pescados de forma muito lenta (*slow-rolling*) e constituem uma das poucas alternativas eficazes aos *crankbaits* em águas lamacentas.



SWIMMING JIG – Esta técnica implica utilizar um *Jig* e atrelado de lagostim ou imitação de courato de porco a profundidades médias em águas mais claras. Realizam-se lançamentos longos e uma animação feita com pequenos toques de ponteira, resultando em pequenos saltos da amostra no fundo ou animam-se de forma contínua, produzindo um movimento natatório da amostra a meia água ou perto do fundo. Utiliza-se habitualmente em zonas de fundos duros, extensões planas perto de coberturas e zonas de transição entre vários tipos de fundo (lama/areia, areia grossa/terra vermelha, etc). Devem utilizar-se *Jigs* apropriados para casting que são diferentes dos *Jigs* para *flipping*. Aqueles possuem anzóis e anti-ervas mais finos pois a ferragem efectua-se a maior distância e os olhais apresentam uma orientação diferente, concebida para animação horizontal - por oposição à animação essencialmente vertical utilizada no *flipping* - o que pode fazer toda a diferença.



FLIPPING STICK E JIG – Quando tudo falha e o peixe está muito inactivo e escondido em coberturas muito densas, nada consegue igualar a utilização de um *Flipping Stick* (cana específica para *flipping*) e uma das possíveis combinações, tipo *Jig*/lagostim, *Jig*/porco ou *Jig*/criatura. Quando as condições meteorológicas difíceis regressam, esta excelente técnica funciona como um *backup* perfeito, pois nada melhor para convencer um grande exemplar a atacar, do que a colocação precisa de uma imitação de lagostim ao alcance da sua boca.